



HUMANIDADES, CULTURA E ARTE

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES
(ORGANIZADORA)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



HUMANIDADES, CULTURA E ARTE

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H918	Humanidades, cultura e arte [recurso eletrônico] / Organizadora Giovanna Adriana Tavares Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-753-6 DOI 10.22533/at.ed.536191111 1. Artes. 2. Cultura. 3. Humanidades. I. Gomes, Giovanna Adriana Tavares. CDD 909
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Trata-se da coletânea de artigos com temáticas diversas envolvendo pesquisas de extrema importância para as humanidades, cultura e arte. Destaque para os seguintes conteúdos como: Educação, violência, ensino, música, dança, cinema, resistência, performances, espetáculos, teatro, poesia, imagens, desenhos, arte contemporânea entre outros títulos. Sem dúvida uma obra “plural” com textos de escritas primorosas e muita criticidade. A proposta do E-book vai ao encontro de reflexões fundamentais para o “tempo” que estamos vivendo. O discurso social se faz presente na percepção dos valores atribuídos nos textos, quando influenciados pela afetividade e experiências de seus autores. Ressalta os espaços louvados, e determina uma característica tipofilica da relação dos indivíduos com o meio. A sociedade contemporânea é marcada pela pluralidade e pela diversidade, que se funde em produções culturais híbridas. A partir desse entendimento, é preciso então considerar que todos os aspectos do indivíduo em sua relação com o ambiente, com a sociedade e consigo mesmo, serão mediados por elementos simbólicos, sejam no âmbito da reflexão ou da ação, do pensamento e do sistema de crenças ou do comportamento e das atitudes ou da cultura. Nesse sentido, pensar a apropriação que uma dada sociedade faz de um determinado ambiente é pensar, além dos elementos concretos dessa apropriação, pensar, sobretudo, os elementos simbólicos e subjetivos que justificaram, ou que motivaram aquela apropriação, em sua forma e função.

Giovanna Adriana Tavares Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“A VIDA PELA FLOR” COMO FORMA DE ESTUDO NA CLARINETA: ASPECTOS TÉCNICOS E COMPARATIVOS AO MÉTODO KLOSÉ	
Daniel Souza de Araujo Johnson Joanesburg Anchieta Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5361911111	
CAPÍTULO 2	10
A ARTE DA XILOGRAVURA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI: REFLEXOS NO <i>AUTO DE INÊS PEREIRA</i> (1523), DE GIL VICENTE (C. 1465-1537)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5361911112	
CAPÍTULO 3	23
A MONTAGEM DE “A HISTÓRIA DO SOLDADO”, DE IGOR STRAVINSKY, EM GOIÂNIA/GO: A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA, ENCENAÇÃO E MITO NA CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO	
Saulo Germano Sales Dallago	
DOI 10.22533/at.ed.5361911113	
CAPÍTULO 4	33
A PROFISSIONALIZAÇÃO DO EDUCADOR NO ENSINO DE MÚSICA	
Eliane Hilario da Silva Martinoff	
DOI 10.22533/at.ed.5361911114	
CAPÍTULO 5	45
AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: A COREOGRAFIA SOCIAL DO FEMININO ENTRE NÓS	
Beatriz Torres Lorangeira	
DOI 10.22533/at.ed.5361911115	
CAPÍTULO 6	55
AS IMAGENS DA HISTERIA PELA ÓTICA DE GEORGES DIDI-HUBERMAN E A SOBREVIVÊNCIA DA IMAGEM GROTESCA NO TEATRO	
Melize Deblandina Zanoni	
DOI 10.22533/at.ed.5361911116	
CAPÍTULO 7	67
CORAL CÊNICO DO CAMPUS DO MUCURI	
Danilo Pereira Bispo Sharon Doty da Cruz Soares Maria Clara Costa Ramos Marcela Costa Souza Veiga Wandouglas Gonçalves Batista André Luiz Nascimento Dias Vanessa Juliana da Silva Valéria Cristina da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5361911117	

CAPÍTULO 8	76
DESENHO DEPOIS DO DESENHO: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA E SEU ENSINO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5361911118	
CAPÍTULO 9	83
DIÁRIOS: ESCRITAS DE SI COMO REFERÊNCIA DE IDENTIDADE	
Adriana de Oliveira Tavira	
DOI 10.22533/at.ed.5361911119	
CAPÍTULO 10	94
DO ENSINAR E DO APRENDER TEATRO NA SALA DE AULA: CRIANDO E IMPROVISANDO NO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES	
Ana Lucia Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5361911110	
CAPÍTULO 11	118
FOTOGRAFIA EM CAMPO EXPANDIDO - A PALAVRA COMO PARTE DA MATERIALIDADE DA OBRA	
Mari Gemma De La Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5361911111	
CAPÍTULO 12	129
MOTIVAÇÃO: UM RETRATO DO PERFIL DOS ALUNOS DO BALÉ POPULAR DO TOCANTINS	
Giorgya Lima Justy de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.5361911112	
CAPÍTULO 13	135
MUDANÇAS NA RELAÇÃO ENTRE RAZÕES MATEMÁTICAS E INTERVALOS MUSICAIS: ASPECTOS HISTÓRICO/CULTURAIS	
Oscar João Abdounur	
DOI 10.22533/at.ed.5361911113	
CAPÍTULO 14	147
NO HORIZONTE DA PALAVRA: A POÉTICA DE VIRGÍLIO DE LEMOS	
Camila de Toledo Piza Costa Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5361911114	
CAPÍTULO 15	153
O ENSINO DA MÚSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELÉM COMO ELEMENTO QUE EMERGE DA CULTURA	
Raquel dos Anjos Veiga	
DOI 10.22533/at.ed.5361911115	

CAPÍTULO 16	165
O ESPAÇO CULTURAL GOIANDIRA DO COUTO NA PERSPECTIVA DE USO COMO EMPREENHIMENTO TURÍSTICO PARTICULAR	
Washington Fernando de Souza Giovanna Adriana Tavares Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.53619111116	
CAPÍTULO 17	178
O PALCO E SEUS PROBLEMAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA DIMINUIR A ANSIEDADE PRÉ-PERFORMANCE E AUXILIAR NO ESTUDO DE UMA OBRA MUSICAL	
Daniel Souza de Araujo Francisco Vanderlei Alves dos Santos Ana Clara Vieira Amaral Brenno Menezes Faleiro	
DOI 10.22533/at.ed.53619111117	
CAPÍTULO 18	190
OS ESPETÁCULOS LÍRICOS E A CONSTRUÇÃO DO GOSTO MUSICAL DAS ELITES DE SÃO LUÍS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
João Costa Gouveia Neto Alexandre Guida Navarro Cesar Augusto Castro	
DOI 10.22533/at.ed.53619111118	
CAPÍTULO 19	199
PARA ALÉM DO SAMBA DA LEGITIMIDADE: SAMBISTAS FORA DO COMPASSO DO “ESTADO NOVO”	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.53619111119	
CAPÍTULO 20	214
QUESTÕES RELATIVAS À PRESERVAÇÃO DOS MÉTODOS CONSTRUTIVOS UTILIZADOS PELO ARTISTA ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	
Vanessa Magalhães Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.53619111120	
CAPÍTULO 21	223
RECURSOS TÉCNICOS E EXPRESSIVOS DA <i>ÉCOLE DE GARCÍA</i> NA PERFORMANCE VOCAL MODERNA	
Luiz Henrique Ramos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.53619111121	
CAPÍTULO 22	236
REVISITANDO OS LUGARES DA MEMÓRIA, DA HISTÓRIA, DO ESQUECIMENTO: RICOUER, UM CLÁSSICO DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA	
Izaias Euzébio Amâncio	
DOI 10.22533/at.ed.53619111122	

CAPÍTULO 23	244
TRANSBORDAMENTO DO CORPO SEGUNDO O FILME HANAMI – CEREJEIRAS EM FLOR	
Andréia Hiromi Toma	
DOI 10.22533/at.ed.53619111123	
CAPÍTULO 24	256
UM ESTUDO DA COMUNICAÇÃO NA <i>PERFORMANCE</i> MUSICAL, AS INTERAÇÕES ENTRE OS PARTICIPANTES	
Cláudia de Araújo Marques	
Vitor Barbosa Finco	
Thamyres Alves do Nascimento Finco	
DOI 10.22533/at.ed.53619111124	
CAPÍTULO 25	267
VINTE E CINCO PEÇAS DE JOSÉ URSICINO DA SILVA (MAESTRO DUDA) TRANSCRITAS E ADAPTADAS PARA TROMBONE SOLO E PIANO	
Daniel Victor Silva de Freitas Lima	
DOI 10.22533/at.ed.53619111125	
SOBRE A ORGANIZADORA	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

REVISITANDO OS LUGARES DA MEMÓRIA, DA HISTÓRIA, DO ESQUECIMENTO: RICOUER, UM CLÁSSICO DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Izaias Euzébio Amâncio

Estudante de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) / Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

E-mail: prizaiaseuzebio@gmail.com

RESUMO: Este trabalho procurará revisitar os lugares da memória, da história e do esquecimento, tais como abordados no clássico livro de Paul Ricoeur, cujo título da obra remonta a estas três partes, ou como ele mesmo denominou, três mastros do mesmo veleiro: a memória, a história, o esquecimento. Fazer uma análise, ainda que breve, do livro, com ênfase nestas três questões epistemológicas, bem delimitadas pelo tema e pelo método, será o ponto central destas próximas linhas. A primeira parte do livro, enfoca a memória e os fenômenos mnemônicos, com todas as suas nuances. A segunda, dedicada à história e o conhecimento histórico, e também pensada do ponto de vista da questão da narrativa e da relação com a retórica. A terceira, culmina numa reflexão sobre o esquecimento, que enquadra-se numa hermenêutica da condição histórica dos seres humanos que somos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; História; Esquecimento; lugares; humanidades.

REVISITING THE PLACES OF MEMORY, HISTORY, FORGETFULNESS: RICOUER, A CLASSIC OF CONTEMPORARY HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT: This work will seek to revisit the places of memory, history, and forgetfulness, as addressed in Paul Ricoeur's classic book, whose title goes back to these three parts, or as he called it, three masts of the same sailboat: memory, the story, the forgetfulness. A brief analysis of the book, with an emphasis on these three epistemological questions, well defined by theme and method, will be the focus of these next lines. The first part of the book focuses on memory and mnemonic phenomena, with all their nuances. The second, dedicated to history and historical knowledge, and also thought from the point of view of the question of narrative and the relationship with rhetoric. The third culminates in a reflection on forgetting, which fits into a hermeneutic of the historical condition of the human beings we are.

KEYWORDS: Memory; History; forgetfulness; Places; Humanities

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é tentar analisar, ainda que brevemente, alguns conceitos contidos no livro de Paul Ricoeur, *A memória*,

a história, o esquecimento, considerado por muitos como uma suma de sua obra. Santo Agostinho dizia que a memória é como um palácio, com muitos cômodos, onde podemos visitar e revisitar sempre que desejarmos, as histórias vividas, numa viagem não presa ao tempo e ao espaço. Este livro é um trabalho erudito de teoria em torno dos grandes temas da memória, da história e do esquecimento. Como uma espécie de fio condutor nesta obra, vemos o Holocausto, cometido por nazistas contra, principalmente, os judeus durante a Segunda Guerra, como um rompimento na paisagem europeia do século XX. Ricoeur trata profundamente da concepção da memória e da tarefa que hoje também se ocupa a historiografia, que inclui o perdão e o esquecimento, temas impostos após a realidade cruel daquele genocídio. O perdão e o esquecimento são discutidos como parte integrante da memória. O autor apresenta o esquecimento como uma condição histórica dos seres humanos que somos (RICOEUR, 2007, p.17).

Como o próprio Ricoeur mencionou: “Estas três partes não constituem três livros. São três mastros entrelaçados, mas distintos, que pertencem à mesma embarcação, destinado a uma só e única navegação... um veleiro de três mastros! Há nestas três partes, uma questão histórica comum que as atravessa: a de representação do passado (Idem, p.18). Analisar estes três conceitos, tão caros à filosofia da história, revisitando a lembrança humana do passado e refletindo sobre diversos outros conceitos contidos nesta obra clássica de historiografia Contemporânea, é o objetivo central deste trabalho.

2 | A MEMÓRIA

O francês Paul Ricoeur (1913-2005) que, de acordo com Santos (2013), “é um dos maiores filósofos do século XX”, menciona que a fenomenologia da memória se estrutura em forma de duas questões: de que há lembrança? De quem é a memória? O sujeito da memória é o eu, mas não podemos deixar de levar em conta também a noção de memória coletiva. Os gregos tinham dos termos, MNÉMÉ e ANAMNÉSIS, para decifrar, respectivamente, lembrança e memória. Lembrar é ter uma lembrança ou ir em busca dela (RICOEUR, 2007, p.24).

Como lembrou Santos:

A memória, a história e o esquecimento foi publicado em francês no ano de 2000. Em português, a obra nos chega ao ano de 2007, sendo considerada uma ‘síntese’ de todas as suas obras. Dividida em três momentos, a reflexão na primeira parte sob o título *Da memória e da reminiscência* está relacionada à fenomenologia da memória. Para tanto, é realizado um retorno do fenômeno da memória por filósofos gregos como Platão e Aristóteles que contribuíram significativamente ao estado do debate fenomenológico atual. Os usos e abusos da memória e sua taxionomia também são temas abordados nesse capítulo. Por fim, o entorno da reflexão está na memória individual (olhar interior) e da memória coletiva (olhar exterior). Na segunda parte *História/Epistemologia* a ênfase está na operação historiográfica em suas três fases que a estruturam: fase documental, fase de explicação/ compreensão e fase

de representação. Em A condição histórica, a explanação incide à hermenêutica do saber histórico que conta com duas vertentes: uma crítica e outra ontológica. O ápice do percurso construído por Ricoeur é alcançado nos dois últimos momentos de sua obra: o esquecimento e o perdão difícil, que encadeiam toda a discussão levantada. (SANTOS, 2013, p. 3)

No conceito grego platônico sobre a memória, o EIKŌN, fala da representação presente de uma coisa ausente. Ele advoga o envolvimento da problemática da memória pela da imaginação. Esta representação é aprendida através da inclusão da imagem na lembrança. A memória e a imaginação partilham o mesmo destino. Aristóteles afirmava que “a memória é o tempo” (RICOEUR, 2007, p.27).

Sócrates ilustrava a memória como uma assinatura, onde imprimimos a marca de nossos anéis em cera, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos nele aquilo que queremos recordar, quer se trate das coisas que vivamos, ouvimos ou recebemos no espírito. Aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não nos foi capaz de ser impresso, nós esquecemos, isto é, não o sabemos (Idem, p.28). Esta questão da impressão suscitou na história das ideias, certas dificuldades sobre a teoria da memória e sobre a história, com outro nome: o de “rastro”. A história, segundo Marc Bloch, pretende ser uma ciência por rastros. A palavra rastro segue a esteira do emprego de “impressão”. O historiador trabalha sobre rastros escritos e arquivados, dos discursos escritos. Mas, se em Platão as marcas são internas, a escrita é a marca externa, do comportamento da imagem, à semelhança da metáfora da impressão da cera.

Para Aristóteles, “a memória é do passado”. Uma questão que logo se apresenta aqui é a da “coisa” lembrada. Ricoeur menciona que esta expressão “a memória é do passado” é clara em toda sua pesquisa. Ou seja, é na alma que se diz ter ouvido, sentido, pensado alguma coisa. Essa sensação consiste no fato de que a marca da anterioridade implica a distinção entre o antes e o depois.

Embora possamos acusar a memória de se mostrar pouco confiável por um lado, por outro, ele é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. Também vale lembrar que o termo memória aponta sua relação com o tempo, e dá esta a transição entre a memória e a história. Por isso, Aristóteles bem afirmava que a memória “é do passado” (Ibidem, p. 46). Para Ricoeur, o acontecimento é aquilo que simplesmente ocorre. Ele tem lugar. Passa e se passa. No plano fenomenológico, nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos. Os encontros memoráveis prestam-se a serem rememorados.

Santo Agostinho dizia que o dever da memória consiste em dever de não esquecer (Ibidem, p.48). Assim, o esquecimento é, ao mesmo tempo, um paradoxo e um enigma. Porque há uma polaridade entre reflexividade e mundanidade. Nossas memórias se dão das experiências pessoais, mas também de eventos e situações que ocorreram no mundo, nas quais vimos, experimentamos, aprendemos. A reflexividade

é um rastro irrecusável de memória. Segundo Nicolazzi:

O estabelecimento da relação entre tempo e narrativa é possível através de uma particular leitura de Santo Agostinho e Aristóteles. Do primeiro, é a noção de aporia da temporalidade que é apreendida, consistindo ela na mútua referência entre memória e espera, ou seja, na tensão própria ao presente entre passado, enquanto experiência, e futuro, como expectativa: o movimento alterna entre a ampliação do horizonte de expectativa por meio do encurtamento do espaço de experiência ou, pelo contrário, pela extensão da memória em contrapartida à redução da espera. A aporia agostiniana aponta, deste modo, para o sentido discordante da ação no tempo, a qual rompe com os padrões lineares da cronologia: esta, por sua vez, “não tem um único contrário, acronia das leis ou dos modelos. Seu verdadeiro contrário é a própria temporalidade”. (2014, p. 6)

Ricoeur pontua a história como guardiã da memória e assim, surgiram os lugares de memória, como estes guardiões da memória pessoal e coletiva: museus, institutos, históricos, centros de pesquisa, arquivos públicos, escolas, universidades, etc. Estas instituições de memória possuem capacidade de escrever e assim, trazer uma representação do passado, uma vez que, como lembrou Ricoeur: “o lembrado apoia-se então no representado” (RICOEUR, 2007, p. 64). A rememoração do passado e a busca da verdade, da realidade, de que acontecem, da qual fomos testemunhas. Chamamos de fidelidade a esta busca da verdade do que ocorreu.

Ricoeur fala também da memória coletiva como um importante lugar de preservação da memória, mas também cita casos de abusos da memória e da violência fundadora. A maioria das comunidades históricas nasceram da relação original com a guerra. São atos violentos legitimados por um estado de direito precário, legitimado por sua antiguidade, ideologia e força. Assim os mesmos acontecimentos significam glória para uns e humilhação para outros. Em muitos casos, ideologia tem se mostrado inimiga da memória.

É assim que se armazena nos arquivos de memória coletiva, feridas reais e simbólicas. O processo ideológico é, portanto, opaco, dissimulado e destrutivo. É nesse plano que Ricoeur fala em abusos da memória, que são também abuso do esquecimento. A ideologia busca legitimar a autoridade e o poder, numa relação histórica entre governantes e governados. Neste caso, como mencionou Ricoeur: “A função da ideologia seria preencher o fosso de credibilidade cercado por todos sistemas de autoridade. Citando Max Webber, ele menciona aqui a “autoridade” que se define como o poder legítimo de se fazer obedecer” (Idem, p. 95 e 96). Numa relação hierárquica a ideologia é quem valida a crença na legitimidade do poder.

Lembro-me, certa vez, por ocasião de uma visita a uma cidade boliviana, vizinha ao Brasil, chamada San Mathias, de avistar soldados marchando na rua principal da cidade, ao som de clarins e fanfarras, acompanhado de uma numerosa multidão. Questionei a alguém, que ali estava, sobre o que seria aquela comemoração, e de pronto aquela pessoa me respondeu que aquele dia era feriado (23 de março) e que se estava ali relembando o Dia do Mar, quando a Bolívia assinou com o Chile o “Tratado

de paz e amizade”. Aquele tratado é fruto da Guerra do Pacífico (1879-1883), onde o Chile venceu a Bolívia e o Peru e tomou para si o Estado de *Antofagasta* e a Bolívia perdeu o acesso ao mar. Achei estranho um feriado que relembre a perda do mar. Teria que se fazer uma análise histórica mais aprofundada, que não é o caso aqui, para entender mais profundamente a questão. Mas uma primeira pergunta me veio à mente: Seria uma tentativa governamental de se apagar da memória coletiva uma desventura histórica? Uma busca por uma memória coletiva apaziguada? Memória, perdoadada e até feliz?

Mencionando então o holocausto como uma fenda na paisagem e na episteme, especialmente na Europa no século XX, Ricoeur fala da questão do dever da memória. Menciona que, especialmente na França no pós-guerra, os desafios foram grandes para se atravessar as planícies áridas da epistemologia da história e para se chegar à região dos conflitos entre memórias individual, memória coletiva e memória histórica. “Neste momento em que a memória viva dos sobreviventes enfrenta o olhar distanciado e crítico do historiador”, que muitas vezes se encontra no papel de juiz. Segundo Ricoeur, “o dever da memória é o de fazer justiça, pela lembrança ao outro” (Ibidem, p. 99 e101).

Portanto, esses lugares de memória, que mencionei antes, tratam de enaltecer diversos momentos históricos como, por exemplo, o bicentenário da revolução francesa maio de 1968, etc... Citando Pierre Nora, Ricoeur lembra que o modelo memorial levou a melhor sobre o modelo histórico. Este modelo de celebrações consagradas à soberania impessoal do estado nação. Houve a inversão do histórico em comemorativo e, com o passar do tempo, o segundo se tornou até mais importante do que o primeiro.

Como lembrou Santos (2013, p. 4), há uma íntima ligação entre usos e abusos da memória. Como discutir a tênue linha entre os discursos e abusos da memória? Ricoeur menciona que um primeiro importante passo seria “a égide da ideia de justiça” (RICOEUR, 2007, p. 104). Finalizando este primeiro mastro da embarcação, denominado de memória, o autor menciona diversos pensadores que se debruçaram a questão, como: John Lock, Husseau, mas com destaque para a metáfora de Santo Agostinho de memória como sendo “lugares ou palácios”, ou seja, um lugar íntimo, particular e diferenciado do outro. Esses cômodos do palácio são as minhas memórias. São onde o indivíduo busca a vida feliz. Por outro lado, Maurice Halbwachs trabalha a “memória coletiva”, que é a forma que a história pode corrigir, criticar e incluir a memória em memória coletiva. A este tipo de memória, ele chamou de grupo ou sociedade (SANTOS, 2013, p.6). Diante desta polarização entre memória individual e coletiva, no campo da história, o melhor caminho para se fugir dos abusos e manipulações da memória é pensá-la através de uma tríplice atribuição: a si, aos próximos, aos outros (RICOEUR, 2007, p.142).

3 | A HISTÓRIA

A segunda parte do livro é dedicada à epistemologia do conhecimento histórico e suas articulações. Como lembrou NETO (2011):

Assim, abordando a escrita da história a partir da ótica da filosofia da linguagem, motivado, sobretudo, por inquietações de ordem ética, Paul Ricoeur trouxe à tona para esse debate conceitos e posicionamentos que podem auxiliar os historiadores a resolverem diversos impasses próprios dessa forma de saber. (2011, p. 2)

Ricoeur trata da reflexão e dos limites da filosofia crítica da história e a questão da verdade na história e da fidelidade da memória, sendo esta última uma representação presente de uma coisa ausente. Trata da questão "fazer história", mencionando valiosos trabalhos de teóricos como Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Pierre Nora. O fazer história se utiliza de testemunhos, da memória, de documentos, do manuseio dos arquivos, que remetem a uma reflexão e culminam num texto. Esta narrativa, em forma de texto, é a representação do passado ausente, comparada à uma "pintura, cujas obras imitam os seres vivos" (RICOEUR, 2007, p. 152).

Nesta segunda parte, Ricoeur trata questões importantes na teoria histórica como o tempo histórico, a operação historiográfica e os três momentos do arquivo: da explicação, compreensão e da representação histórica. Trata do discurso histórico, que desde Foucault, Michel de Certeau e Hayden White, se viu intimamente voltado à linguagem e, conseqüentemente, à sua forma escrita, a literatura. Nicolazzi lembrou que:

A construção do texto de história, atividade que faz parte de uma operação mais complexa, tem por característica marcante a organização narrativa de determinada ação humana: o texto de história é a inscrição da experiência mediante procedimentos estabelecidos (análise de fontes, crítica de testemunhos, adoção de métodos, estruturação da exposição, etc.). Tal atividade só encontra justificação quando completada por outra atividade singular, a leitura, momento em que é possibilitada a reconstituição da experiência fixada e, igualmente, a constituição pelo leitor de uma experiência outra, na temporalidade que lhe é própria (2014, p. 7).

Ricoeur conclui a parte de história, mencionando o que Pierre Nora chamou de "lugares de memória", geralmente associado ao Estado, que muitas vezes se sobrepõe à história. Daí, conclui Ricoeur: "prevalece a inquietante estranheza da história, justamente quando ela pretende compreender as razões de sua contestação pela memória comemorativa" (Idem, p. 421). A história, portanto, presta este importante papel à memória, de não deixar esquecer aquilo que deve sempre ser lembrado.

4 | O ESQUECIMENTO

O terceiro mastro do veleiro é o esquecimento. Ricoeur menciona que, juntamente

com o perdão, o esquecimento é o horizonte de sua pesquisa. Horizonte de uma memória apaziguada, e até mesmo de um esquecimento feliz (RICOEUR, 2007, p. 423). O Esquecimento é o apagamento dos rastros mnemônicos. Mas, o papel do filósofo é, então, relacionar a ciência dos rastros mnésicos com a problemática central da representação presente do passado ausente. A memória é então um esforço para não se apagar estes rastros. É lembrar para não se deixar esquecer.

Uma das formas de se forçar o esquecimento, muitas vezes de forma abusiva, é a chamada anistia. Um tratado governamental de perdão que é uma forma de memória manipulada do esquecimento. É um direito a uma graça anistiantes, que muitas vezes recebe perdão total, ou a uma imposição de uma pena, antes do perdão. Só para ilustrar, menciono dois exemplos de conflitos: no caso do Holocausto judeu na segunda guerra não houve anistia e até hoje se condena os nazistas. Os que viveram sofreram processos e penas de prisão. Aos que morreram sem serem condenados, sofrerão para sempre a condenação da história e, porque não dizer, da memória coletiva. Já no caso do período militar no Brasil (1964-1984), todos os crimes- tanto dos militares, como dos seus adversários civis, foram anistiados pela Lei da Anistia. "A anistia põe fim a graves desordens políticas que afetam a paz civil- conflitos e guerras civis, episódios revolucionários, mudanças violentas de regimes políticos- violência que a anistia interrompe. Ela visa o indulto e o esquecimento dos delitos dos dois lados " (Idem, p. 460). E se busca, a partir daí se esquecer um passado declarado proibido. Se trata de um esquecimento jurídico que equivale a apagar a memória na atestação de que nada ocorreu. Mas, mesmo diante da anistia e do perdão, a memória tem a tarefa de tentar não deixar se esquecer o passado para que no futuro outras barbáries não aconteçam.

5 | CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, apenas dizer que os pontos altos da obra de Ricoeur, abordada brevemente neste artigo, são as questões da memória, do perdão e do esquecimento como condições humanas. As ciências humanas têm um compromisso com a humanidade. Como lembrou Neto:

A urgência do pensamento de Paul Ricoeur para a reflexão sobre as motivações e a elaboração da escrita do historiador, em nossa contemporaneidade, é gritante. O século XXI inicia seu debate imerso em conflitos militares, étnicos, guerras urbanas e uma atmosfera propícia para a difusão de preconceitos, nutridos por uma minoria tirânica, que se originam na intolerância e no desrespeito com a diversidade humana. As imagens das pilhas de cadáveres e de escombros deixadas para trás pelo século XX têm de ser evidenciadas pelo historiador – por meio de sua escrita – para essa nova geração, no intuito de que nós, vivos, possamos coexistir em um presente mais suportável e um futuro mais justo (2011, p.8)

Apesar das dificuldades, paradoxos e conflitos humanos, Ricoeur não vê esta humanidade como um problema. Pelo contrário, para ele é uma dádiva especial o

fato ser humano. Ele conclui o seu livro, parafraseando as palavras do evangelista: “Observai as aves do céu e os lírios do campo, que não trabalham e nem se fiam... entretanto, se alimentam todos os dias e se veste melhores do que os reis”. Se as aves dos céus são os seres humanos, conclui Ricoeur (2007, p. 512): “É magnífico ser humano!”

REFERÊNCIAS

NETO, Joachin de Melo Azevedo S. **Nos interstícios da Memória e do Esquecimento: Paul Ricoeur e a escrita da história.** Artigo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

NICOLAZZI, Fernando. **Uma teoria da história: Paul Ricoeur e a hermenêutica do discurso histórico.** Artigo. 2014. Acesso em 23/10/2018. Disponível em : <https://www.researchgate.net/publication/266037810>.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas-SP: Editora Unicamp, 2007.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento. Sobre a **Memória, a História, o Esquecimento, em Paul Ricoeur.** Artigo. RACIn, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-8, Jan.-Jun. 2013

SOBRE A ORGANIZADORA

Giovanna Adriana Tavares Gomes - Doutorado em Performances Culturais pela UFG em andamento / 2019 - 2022, Mestrado Acadêmico na área das Ciências Sociais Aplicadas em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI - SC (2007-2010) / CONCEITO CAPES 5 – Foco: Planejamento Participativo e desenvolvimento de base local, Especialista em Gestão em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Lions - GO (2004-2005), Bacharel em Turismo pela Faculdade Cambury - GO (2003), MBA Executivo em Coaching, (2018) na Faculdade Cândido Mendes. cursando atualmente: Especialização em Administração do Setor Público, Especialização em Administração em Marketing de Serviços e Social e MBA em Gestão de Projetos (previsão de término dezembro 2019 - Faculdade Faveni). Atua na área de Pesquisa aplicada como pesquisadora em diversas áreas do mercado: Turismo, hotelaria, eventos, pesquisa censitária, gestão comercial e de negócios, sendo atualmente Professora Universitária na Faculdade Cambury nos cursos de Eventos e Gestão Comercial e na Coordenação Geral do evento institucional Círculo do Conhecimento desde 2015. Membro da ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. É servidora pública do Estado de Goiás na Área Técnica da Agência Estadual de Turismo - GOIÁS TURISMO - Coordenadora do OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO ESTADO DE GOIÁS. Presidente da ABBTUR - GO / Associação Brasileira de Turismólogos(as) e Profissionais de Turismo - Seccional Goiás. Atuou como: Professora do MBA em Promoção e Gestão de Eventos na disciplina: Planejamento e Coordenação de Eventos e Orientação de TCC pelo IESB – Instituto de Educação Superior de Brasília, Professora no IF Goiano - EAD no curso de Eventos, Professora na Faculdade Lions de (2013 a 2016) nos cursos de Turismo, Hotelaria e Administração; Faculdade de Tecnologia SENAC – Goiás (De 2007 a 2014) na Elaboração de projetos, coordenação e docência na Pós Graduação em Gestão de Empreendimentos Turísticos e Eventos e no Curso superior de Gestão de Turismo (ênfase em eventos) e somente como docente nos cursos de: Gestão Comercial, Gestão Ambiental, Gestão da Tecnologia da Informação e Produção Multimídia. Possui vasta experiência em disciplinas nas áreas de gestão (Planejamento Estratégico e Empreendedorismo), eventos, turismo, hotelaria, pesquisa, metodologia e atividades de campo/visitas técnicas. Consultora da ONG Araucária - Organização Pró-Desenvolvimento Integrado Sustentável desde 2010, cuja atuação é na área de planejamento e desenvolvimento em turismo, com experiência em elaboração e execução de projetos para MTur, Governo do Estado de Santa Catarina, Prefeituras Municipais e setor privado. Consultora da PDCA desde 2013 - Assessoria e Treinamento: Turismo, Hospitalidade e Eventos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ansiedade 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 263, 264
Aritmetização em teoria musical 135
Arte brasileira 128
Arte contemporânea 76, 77, 80, 81, 118, 121, 124, 215, 216
Ator 16, 28, 31, 55, 56, 97, 105, 111, 112, 116, 124, 263
Auto de Inês Pereira 6, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 22
Avaliar 86, 111, 113, 129, 141, 142

B

Banda de música 1, 2, 268

C

Cena 20, 23, 27, 29, 30, 31, 50, 55, 57, 61, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 100, 103, 104, 106, 107, 109, 115, 116, 118, 200, 249, 250
Cênico 24, 25, 31, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 196
Clarineta 1, 2, 3, 4, 8, 9, 28, 188
Coral 28, 30, 31, 32, 37, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 277
Coreografia social 45
Corpomídia 45, 46, 49, 51, 52
Cultura escolar 33, 34, 44

D

Dança 23, 24, 41, 43, 50, 99, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 179, 212, 244, 245, 246, 249, 250, 254
Diários 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93
Dramaturgia 10, 23, 24, 31, 56, 57, 73, 198

E

Elo entre as artes 147
Empreendimento turístico 165, 166, 172
Ensino de música 33, 39, 69, 163

F

Formação de professores 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 75

G

Gestualidade 55, 220
Gil Vicente 6, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 20, 21
Goiandira do couto 165, 168
Grotesco 55, 56, 58, 59, 60, 61, 65, 66

H

Henry Klosé 1, 2

Histeria 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65

História 8, 13, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 50, 51, 52, 54, 56, 58, 62, 63, 65, 80, 83, 85, 86, 88, 92, 93, 97, 98, 105, 106, 107, 108, 124, 125, 135, 136, 144, 145, 154, 155, 163, 166, 167, 175, 176, 190, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 207, 211, 212, 214, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 254, 265, 266, 277

I

Identidade 52, 53, 83, 84, 86, 88, 92, 160, 202

Imagem 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 45, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 80, 88, 112, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 149, 151, 168, 205, 209, 226, 238, 245

Improvisação 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114

J

Joaquim Naegele 1, 2, 3, 7

Jogo teatral 94, 112

L

Literatura portuguesa 10

M

Machismo 45, 46, 49, 51

Metalinguagem 147, 203

Metodologias 78, 80, 153, 156, 159, 162, 184

Método para clarineta 1

Mitologia 23, 25

Motivação 110, 129, 130, 131, 133, 183, 188

Mudanças conceituais 135, 162

Museu 44, 80, 165, 166, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 215

Música 1, 2, 3, 8, 9, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 67, 68, 69, 73, 75, 99, 103, 116, 129, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 179, 180, 181, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 223, 229, 234, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 275, 276, 277, 278

Música na história 135

N

Número em música teórica 135, 137, 138, 139

P

Palco e seus problemas 178

Pânico na performance musical 178

Patriarcalismo 45, 46, 49
Poesia moçambicana 147
Preconceito de gênero 45
Preparação de uma obra musical 178, 185
Processo criativo 94, 96, 97, 113, 114, 121, 122

R

Relação matemática 135

S

Shoá 83, 84, 85, 89, 91, 92

T

Teatro 10, 16, 21, 23, 32, 41, 43, 45, 51, 55, 56, 58, 61, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 179, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 254, 272

Teorias de razão 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143

Turismo 165, 166, 167, 168, 172, 173, 176, 177, 279

U

Universidade 1, 10, 21, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 44, 45, 52, 53, 54, 55, 67, 69, 75, 76, 79, 81, 94, 101, 111, 134, 135, 163, 164, 165, 168, 188, 190, 198, 199, 212, 214, 222, 234, 235, 236, 267, 269, 275, 277

V

Violência contra a mulher 45, 48, 52, 54

Virgílio de Lemos 147

X

Xilogravura 10, 12, 13, 14, 18, 19, 21, 22

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-753-6



9 788572 477536